



Sinos de São João del-Rei

JOSÉ ANTÔNIO DE
ÁVILA SACRAMENTO

Não se imagina uma cidade histórica mineira sem igrejas e estas sem sinos. Assim é a nossa São João del-Rei, também conhecida como “a terra onde os sinos falam”. Por aqui, se os sinos tocam em hora inadequada, as pessoas querem saber o que está acontecendo; agem da mesma forma se os sinos não tocam quando necessário. Acervos de mais de quarenta toques, um para cada ocasião, são executados em ritmos e em sinos de timbres diversos. São toques para novenas, tríduos, quinquenas, para o Setenário das Dores (barrocos ofícios que evocam as sete espadas de dor que trespassaram o peito de Nossa Senhora), para o Mês de Maria, para procissões, para as vias-sacras do período quaresmal... Há vários tipos de toques: o Dobre Simple, que é quando o sino cai pelo lado em que está encostado o badalo, ocasionando uma só pancada em cada movimento; o Dobre Duplo, quando o sino cai pelo lado contrário ao que está encostado o badalo, provocando duas pancadas em cada movimento; os Repiques, que são movimentos feitos somente pelo bater dos badalos na bacia

do sino parada. Um dos toques mais bonitos e difíceis é o “A Senhora é Morta”, que é executado anualmente, de hora em hora, na Matriz do Pilar; em honra a Nossa Senhora da Boa Morte; é toque exclusivamente são-joanense e acredita-se que foi composto por um escravo, Francisco, servo de Ana Romeira do Sacramento. Há também toques lúgubres, por ocasião do falecimento de integrantes das irmandades religiosas (homens: 3 dobres e 1 pancada; mulheres: 2 dobres e 1 pancada; crianças (com menos de 7 anos): repique festivo na hora do enterro; se o homem foi mesário, dobre na hora em que se tomou conhecimento do falecimento e na hora do enterro (3 dobres e 2 pancadas); se a mulher foi mesária, dobre na hora em que se tomou conhecimento do falecimento e na hora do enterro (2 dobres e 2 pancadas); se o irmão prestou grandes serviços à Ordem ou Irmandade, dobres até de hora em hora, a critério da Mesa). Existem toques específicos para solenidades litúrgicas diversas, chamadas para as missas (meia hora antes da hora marcada e quinze minutos antes do início é dado o toque no sino pequeno, com várias pancadas seguidas). No final do toque de entrada, pancadas mais espaçadas indicam quem será o celebrante (3 pancadas, o coadjutor; 4 pancadas, o vigário; 5 pancadas, o bispo; 7 pancadas, o arcebispo). Existem toques

até para alertar a população sobre calamidades e acidentes: em caso de incêndio há rebates/pancadas no sino grande, seguido do médio, ligeiras e com pequenos intervalos.

É comum que os sinos também recebam nomes por ocasião de suas instalações nas igrejas (sempre nomes masculinos e de santos: Daniel, Bailão, Elias, Eliseu, Francisco, Jerônimo...). O batismo dos sinos é como uma espécie de “sacramento”; tradicionalmente, eles são batizados com água benta e no ato são utilizados os Santos Óleos (fazendo cruzeiros por fora e por dentro da peça). A nossa tradição sineira gerou até um dito popular: “quem toca sino não acompanha procissão!”.

Em São João del-Rei, a Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos é realizada no período quaresmal, e não dentro da Semana Santa propriamente dita. Há muito tempo, numa festa assim, uma turma de sineiros idealizou uma disputa entre eles; a intenção era a de identificar quais sineiros ficavam por mais tempo revirando os sinos. Assim, todos os anos, durante a dita Festa, sineiros das igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora do Pilar e de São Francisco concorrem entre si através de um evento sonoro que virou tradição e ficou conhecido pelo nome de “Combate dos Sinos”. Das torres sineiras, os grupos usam bandeirolas vermelha e branca, como códigos, para sinalizar aos rivais a disposição de continuar ou não o combate. É tradição que o sino da igreja de São Francisco saia tocando na frente; ele comanda, porque é nela, neste dia, que está depositada a imagem de Nosso Senhor dos Passos. Houve tempo em que a “guerra” durava o dia todo; atualmente, ela está limitada em meia hora.

Então, na nossa cidade não há festas religiosas ou procissões sem o toque de sinos, pois que vivemos numa espécie de cosmogênese do barroco. Presos nos campanários das igrejas, os sinos parecem evocar tudo aquilo que está entre o céu e a terra, são como eles entre o que é terreno e o transcendental; as torres das igrejas são como portas do céu, por onde se passa das trevas à luz, e as vozes dos sinos são como se fossem chamados de Deus!



JOSÉ ANTÔNIO DE
ÁVILA SACRAMENTO

Membro do Instituto Histórico e Geográfico,
da Academia de Letras e do Conselho
Municipal de Preservação do Patrimônio
Cultural de São João del-Rei possuidor de
várias medalhas e condecorações